

TRADUÇÃO

A busca da verdade pela luz natural¹

RENÉ DESCARTES

Tradução de Elvio Camilo Crestani Junior, Guilherme Gonçalves Ribeiro, Katyana Martins Weyh e Nilson Rodrigo da Silva

Organização e Revisão de César Augusto Battisti²

Nota Introdutória

César Augusto Battisti

É com grande satisfação e alegria que oferecemos ao público-leitor em língua portuguesa a tradução da obra de René Descartes (1596-1650) intitulada “*La Recherche de la Vérité par la Lumière Naturelle*” (“*A Busca da Verdade pela Luz Natural*”). Apesar de ser um texto pequeno, ele será publicado em duas partes, a primeira, neste número da Revista, e a segunda, no próximo.

O trabalho de tradução foi realizado por membros do Grupo PET-Filosofia da Unioeste, durante os anos de 2016 e 2017, sob minha supervisão e revisão. A atividade proposta teve o triplo objetivo de oportunizar o estudo da língua francesa, proporcionar o exercício de tradução de um texto filosófico e pôr à disposição dos leitores um texto inexistente em nosso vernáculo. Agradeço o convite que me foi feito pela Professora Ester Maria Dreher Heuser, tutora do Grupo, para coordenar a atividade, e aos estudantes pelo empenho e dedicação.

A Busca da Verdade é talvez, sob vários aspectos, a “mais intrigante” (BORBA, 2015, p. 13)³ dentre as obras do filósofo. Escrita em forma de diálogo e, nesse sentido, tendo propósitos específicos (como é peculiar a quem decide imitar o estilo platônico), dela não se conservou nem seu texto completo nem o fragmento (ou cópia) do original francês correspondente à parte existente em latim e em holandês. Assim, o texto que temos foi conservado exclusivamente por meio de traduções, muito embora tenhamos a primeira metade dele também em francês. Além disso, existindo apenas traduções do fragmento inteiro que conhecemos, o texto-padrão

¹ O texto original, em francês, intitulado *La Recherche de la Vérité par la Lumière Naturelle*, está na edição *standard* das *Œuvres de Descartes*, em seu volume X, p. 495-527, a primeira parte, em francês, se estendendo da p. 495 até a p. 514, e a segunda parte, em latim, da p. 514 até a p. 527.

² Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da UNIOESTE. Ex-Tutor do PET-Filosofia da UNIOESTE (2006-2010). Endereço eletrônico: cesar.battisti@hotmail.com

³ Para um estudo aprofundado de *A Busca da Verdade* sob seus diferentes aspectos (história do texto, problemas de datação, sua relação com as outras obras cartesianas, identificação dos personagens do diálogo, questões relativas à compreensão de seu conteúdo, enfim, bibliografia atualizada sobre o texto e traduções), indicamos a tese de doutorado da Professora Máira de Souza Borba, de 2015. Ver referências.

foi publicado, na edição *standard* das *Œuvres de Descartes* (AT), em duas línguas, a primeira parte em francês, até onde se estende o texto da cópia existente, e a outra em latim, conforme tradução da época. Finalmente, sem sabermos a data em que fora escrita e por mais que ela compartilhe temas com outras obras do pensador, ela é ainda um texto sem uma determinação precisa de seu lugar e importância dentro do pensamento cartesiano.

A Busca da Verdade é um diálogo que põe em cena três personagens, Eudoxo, Poliandro e Epistemon: Eudoxo é um homem que, embora tendo recebido uma boa educação, prefere confiar no que nos oferece a “luz natural” da razão e, em alguma medida, representa o próprio Descartes; Poliandro é alguém que, sem erudição e não tendo frequentado a escola, se apresenta livre de preconceitos e “sem partido”, configurando o que na época seria um *honnêtehomme* (um “bom homem”, conforme nossa tradução); Epistemon é um letrado, com boa dose de pedantismo, conhecedor da filosofia da escola e representante da tradição. De um modo geral, a conversação é conduzida por Eudoxo e se propõe por objetivo, tendo à sua frente a resistência de Epistemon, conduzir Poliandro, à moda de Sócrates, pelo caminho da busca pela verdade. O percurso tem semelhanças com outros textos cartesianos, constituindo-se a dúvida, aqui também, em seu papel fundamental como primeira etapa.

Como a obra, contudo, se encontra inacabada, embora haja a exposição dos pontos que seriam tratados ao longo da conversação (os quais representam um projeto ambicioso e de difícil execução), não se tem muita clareza sobre a sua estrutura e sobre o alcance que ela teria, uma vez redigida por inteira. Quanto à datação, por sua vez, há quem afirme ser *A Busca da Verdade* um texto de juventude, outros que defendem ser ela uma obra dos últimos anos de vida do autor e outros, ainda, que sugerem ter sido ela redigida na época das *Meditações* (primeira metade da década de 1640).

O leitor atual tem à disposição um texto que deveria ser ou fora bem maior, existindo em francês, como já dito, apenas uma primeira parte dele, e em latim e em holandês o fragmento inteiro. É a tradução do texto existente em francês, conforme é dado pela edição *standard* das *Œuvres de Descartes* em seu volume X (ATX, p. 495-514), que está sendo publicada neste número da revista. A segunda parte do fragmento (ATX, p. 514-27), por sua vez, será publicada no próximo número da Revista, tendo sido ela também traduzida do francês, mas, neste caso, de uma tradução francesa feita do latim e publicada em 1838 no volume de *Œuvres Choies de Descartes*. Nossa tradução fez uso de uma edição mais recente (publicada em 1865) das *Œuvres Choies de Descartes*⁴, encontrando-se *La Recherche de la*

⁴ A informação que temos é que a tradução dessa obra, do latim para o francês, foi feita por alguém com o sobrenome de Trianon. O volume contém, além de *A Busca da Verdade*, o *Discurso do Método*,

Vérité nas páginas 384-412 do volume; é esse mesmo texto que é reproduzido por Alquié em sua edição das *Œuvres Philosophiques*.⁵

A *Busca da Verdade* se encontra agora disponível ao público-leitor em língua portuguesa. Sua leitura e exploração serão proveitosas tanto aos especialistas do pensamento cartesiano quanto àqueles que estudam outros pensadores, tenham estes feito ou não referências ao texto cartesiano.

A Busca da Verdade pela Luz Natural

“A qual, toda pura e sem se socorrer da religião ou da filosofia, determina as opiniões que deve ter um bom homem,⁶ a respeito de todas as coisas que podem ocupar seu pensamento, e penetra até nos segredos das mais curiosas ciências”

(René Descartes)

Um bom homem não é obrigado a ter visto todos os livros nem a ter aprendido cuidadosamente tudo o que se ensina nas escolas; e, mesmo, isso seria uma espécie de defeito em sua educação, se ele tivesse empregado demasiado tempo no exercício das letras. Ele tem muitas outras coisas a fazer durante a sua vida, cujo curso deve ser tão bem medido que dela lhe reste a melhor parte para praticar as boas ações, as quais lhe deveriam ser ensinadas por sua própria razão, caso aprendesse tudo apenas dela. Mas ele chegou ignorante ao mundo, e não estando o conhecimento apoiado, em sua primeira idade, senão sobre a fraqueza dos sentidos e sobre a autoridade dos preceptores, é quase impossível que sua imaginação não se encontre preenchida com uma infinidade de falsos pensamentos antes que essa razão possa assumir a conduta, de modo que ele necessita, em seguida, de uma muito boa índole,⁷ ou então de instruções de algum sábio, tanto para se desfazer das más doutrinas com as quais está ocupado, quanto para lançar os primeiros fundamentos de uma ciência sólida e descobrir todas as vias pelas quais ele possa elevar seu conhecimento até o mais alto grau que este possa atingir.

Tais coisas eu me propus a ensinar nesta obra, e a pôr em evidência as verdadeiras riquezas de nossas almas, abrindo a cada um os meios de encontrar em si mesmo, e sem nada pedir emprestado dos outros, toda a ciência que lhe é

as *Meditações*, as *Paixões da Alma* e as *Regras para a Direção do Espírito*, bem como extratos da correspondência e das *Objecções e Respostas*.

⁵ O texto se encontra no volume II das *Œuvres Philosophiques* (1988-89, II, p. 1105-41), organizadas por Alquié.

⁶ A expressão “*honnêtehomme*”, empregada por Descartes, é de difícil tradução. Entre as opções de não a traduzir ou traduzi-la literalmente, optamos por utilizar uma expressão bastante neutra em português, possibilitando que o leitor a preencha semanticamente.

⁷ Havendo certa ambiguidade no francês, optamos por seguir o latim, que utiliza “*bonaindole*” (cf. AT, X, p. 496, n. a; ALQUIÉ, II, p. 1106, n. 1).

necessária à conduta de sua vida e de adquirir, depois disso, pelo seu estudo, todos os mais curiosos conhecimentos que a razão dos homens seja capaz de possuir.

Mas, com receio de que o tamanho de meu projeto preencha de início vossos espíritos de tanto espanto que a confiança não possa neles encontrar lugar, eu quero vos advertir de que o que empreendo não é tão difícil quanto se poderia imaginar, pois os conhecimentos que não ultrapassam o alcance do espírito humano estão todos encadeados com uma ligação tão maravilhosa, e podem ser tirados uns dos outros por consequências tão necessárias, que não é preciso ter muita destreza e capacidade para os encontrar, desde que, tendo começado pelos mais simples, saibamos nos conduzir de grau em grau até os mais elevados. É o que tentarei vos fazer ver aqui por uma sequência de razões tão claras e tão comuns que cada um julgará que seria de fato um erro lançar prontamente os olhos para o lado bom, e deter seu pensamento sobre as mesmas considerações que eu faço, se ele não observasse as mesmas coisas, e que eu não mereço mais glória por tê-las encontrado do que um transeunte por se ter deparado, por acaso sob seus pés, com algum rico tesouro que a diligência de muitos teria inutilmente procurado durante longo tempo antes.

E certamente me surpreende o fato de que, entre tantos raros espíritos que teriam tido um desempenho muito melhor do que eu, não se tenha encontrado ninguém que se propusesse cultivar a paciência para as desembaraçar e que eles tenham quase todos imitado aqueles viajantes que, tendo deixado o caminho principal para tomar o mais curto, permanecem desgarrados entre espinhos e precipícios.

Mas eu não quero examinar o que os outros sabiam ou ignoravam; é suficiente observar que, por mais que toda a ciência que se possa desejar estivesse contida nos livros, fato é que isto que eles têm de bom estaria de tal modo misturado entre tantas coisas inúteis e espalhado confusamente em meio a uma grande quantidade de tão grandes volumes que precisaria mais tempo para os ler do que temos para permanecer nesta vida e mais espírito para escolher as coisas úteis do que as inventar por nós mesmos.

Isso me faz presumir que ficareis bem contentes por encontrar aqui um caminho mais fácil, e que as verdades que enunciarei não deixarão de ser bem recebidas, ainda que eu não as tome de Aristóteles ou de Platão; mas que elas terão valor no mundo tanto quanto a moeda, a qual não tem menos valor quando sai do bolso de um camponês do que quando vem do tesouro real. Eu me esforcei, além disso, para as tornar úteis a todos os homens; e, para esse efeito, não encontrei um estilo mais conveniente do que este por meio dessas conversações honestas onde cada um revela familiarmente a seus amigos o que há de melhor em seu pensamento; e sob os nomes de Eudoxo, Poliandro e Epistemon, eu suponho que um homem de espírito mediano, mas cujo juízo não se encontra pervertido por

nenhuma falsa crença e que possui a razão inteira de acordo com a pureza de sua natureza, é visitado na casa de campo onde reside por dois dos mais raros espíritos e mais curiosos deste século, um dos quais tendo jamais estudado, e o outro, pelo contrário, sabendo tudo exatamente o que se pode aprender na escola; e, neste local, entre outros discursos, que eu vos deixo imaginar tanto quanto a constituição do lugar e de todas as peculiaridades que aí se encontram, das quais eu tomarei emprestado frequentemente exemplos para tornar suas concepções mais simples, eles propõem o tema sobre o que devem discorrer em seguida, até o fim desses dois livros.

POLIANDRO, EPISTEMON, EUDOXO

POLIANDRO — Eu vos estimo tão felizes por verdes todas estas belas coisas nos livros gregos e latinos que me parece que, se eu tivesse estudado tanto como vós, eu seria tão diferente de como sou quanto os anjos o são disso que sois vós; e eu não poderia desculpar o erro de meus pais que, estando persuadidos de que o exercício das letras tornaria a coragem mais frouxa, me enviaram tão jovem para a corte e para o exército que o remorso de ser ignorante perdurará por toda minha vida, se eu não aprender alguma coisa com vossa conversação.

EPISTEMON — Tudo o que podemos vos ensinar de melhor sobre este assunto é que o desejo de saber, que é comum a todos os homens, é uma doença que não se pode curar, pois a curiosidade aumenta com a doutrina; e porque os defeitos que estão na alma não nos afligem senão na medida em que deles temos conhecimento, vós tendes alguma vantagem a mais do que nós, a de que não vedes que vos faltam tantas coisas, como nos ocorre.

EUDOXO — É possível, Epistemon, que, sendo sábio como sois, poderíeis vos persuadir de que haja uma doença tão universal na natureza sem que haja também algum remédio para curá-la? Quanto a mim, parece-me que, como há em cada terra frutos e riachos suficientes para acalmar a fome e a sede de todos, há igualmente verdades suficientes que se podem conhecer em cada matéria para satisfazer plenamente a curiosidade das almas regradas, e que o corpo dos hidrónicos não está mais afastado de seu justo temperamento do que o espírito daqueles que estão perpetuamente acometidos por uma curiosidade insaciável.

EPISTEMON — Eu aprendi há muito tempo que nosso desejo não pode estender-se naturalmente às coisas que nos parecem ser impossíveis, e que não o deve àquelas que são viciosas ou inúteis; mas há tantas coisas a saber, as quais nos parecem possíveis e que são não somente honestas e agradáveis, mas, ainda, muito necessárias para a conduta de nossas ações, que eu não poderia acreditar que alguém alguma vez saiba tanto que não lhe reste sempre ocasiões muito justas para desejar ainda mais.

EUDOXO — O que direis de mim, então, se eu vos assegurar que não tenho mais paixão para aprender coisa alguma, e que estou tão feliz com o pouco conhecimento que tenho quanto jamais fora Diógenes em seu barril, sem que, entretanto, eu tenha necessidade de sua filosofia. Pois a ciência dos meus vizinhos não limita a minha tal como suas terras fazem aqui ao redor do pouco que possuo, e meu espírito, dispondo a seu gosto de todas as verdades que encontra, não pensa que haja outras para descobrir; mas ele goza do mesmo repouso que teria o rei de algum país isolado e de tal modo separado de todos os demais que teria imaginado que, para além de suas terras, nada mais haveria do que desertos inférteis e montanhas inabitáveis.

EPISTEMON — Eu consideraria qualquer outra pessoa exceto vós, que me diria o mesmo, como muito vã ou bem pouco curiosa; mas o retiro que haveis escolhido neste lugar tão solitário, e a pouca preocupação que haveis com ser conhecido, vos coloca ao abrigo da vaidade; e o tempo que haveis anteriormente empregado para viajar, frequentar os sábios e examinar tudo o que tenha sido inventado de mais difícil em cada ciência nos assegura que não vos falta curiosidade, de modo que eu não poderia dizer outra coisa exceto que vos considero muito feliz, e que estou me convencendo de que, por isso, possuis necessariamente uma ciência que seja bem mais perfeita do que a dos outros.

EUDOXO — Eu vos agradeço pela boa opinião que haveis de mim; mas eu não quero nem abusar de vossa cortesia nem obrigá-lo a aceitar o que eu disse com minhas simples palavras. Não se deve jamais enunciar proposições tão distantes da crença comum, se não se puder, ao mesmo tempo, mostrar alguns efeitos. É por isso que eu vos convido, a ambos, para permanecerem aqui durante esta bela estação, a fim de que eu tenha tempo suficiente para lhes apresentar claramente uma parte do que eu sei. Pois ousou prometer que não somente admitireis que tenho alguma razão para estar contente a respeito, mas, além disso, que vós mesmos ficareis plenamente satisfeitos com as coisas que ireis aprender.

EPISTEMON — Eu não tenho motivos para não aceitar um favor do qual eu já estava desejando vos solicitar.

POLIANDRO — Quanto a mim, eu ficarei bem contente em participar desta discussão, embora eu não me sinta capaz de dela retirar algum proveito.

EUDOXO — Pensai em vez disso, Poliandro, que sereis vós quem terá benefício aqui, visto que não estais comprometido, e que me será muito mais fácil alocar no bom lado uma pessoa neutra, ao contrário do caso de Epistemon, que se encontrará frequentemente engajado no partido contrário. Mas, para que concebais mais distintamente de que qualidade será a doutrina que vos prometo, eu gostaria de que observeis a diferença que há entre as ciências e os simples conhecimentos que se adquirem sem nenhum discurso da razão, como as línguas, a história, a geografia e, em geral, tudo o que não depende senão apenas da experiência. Pois estou de

acordo que a vida de um homem não seria suficiente para adquirir a experiência de todas as coisas que estão no mundo; mas estou persuadido também de que seria loucura desejá-lo e de que um bom homem não está mais obrigado a saber o grego ou o latim do que o suíço ou o baixo bretão, nem a história do Império mais do que aquela do menor país que exista na Europa; e de que ele deve apenas ter o cuidado de empregar o seu tempo em coisas honestas e úteis, e de carregar sua memória apenas com as mais necessárias. Quanto às ciências, que nada mais são do que juízos certos que apoiamos sobre algum conhecimento que precede, uns são tirados das coisas comuns e das quais todos ouviram falar e outros das experiências raras e estudadas. E eu confesso também que seria impossível discorrer em particular sobre todos esses últimos; pois seria preciso, primeiramente, ter pesquisado todas as ervas e pedras que vêm da Índia, seria preciso ter visto a fênix e, em suma, não ignorar nada de tudo o que há de mais estranho na natureza. Mas eu considerarei ter satisfatoriamente cumprido minha promessa se, em vos explicando as verdades que se podem deduzir das coisas ordinárias e conhecidas por todos, eu vos tornar capazes de encontrardes vós mesmos todas as outras, quando vos aprazereis ter o trabalho de procurá-las.

POLIANDRO — Creio que isso é também tudo o que é possível desejar; e eu ficaria feliz, se apenas tiverdes bem provado certo número de proposições que são tão célebres que ninguém as ignora, como no tocante à divindade, à alma racional, às virtudes e suas recompensas, as quais comparo a estas antigas casas que cada um reconhece por serem muito ilustres, embora todos os títulos de sua nobreza estejam enterrados nas ruínas da antiguidade. Pois eu não duvido de que os primeiros que obrigaram a humanidade a acreditar em todas essas coisas não tivessem razões muito fortes para prová-las; mas elas foram, desde então, com tão pouca frequência repetidas que não há mais ninguém que as saiba; e, entretanto, estas verdades são tão importantes que a prudência nos obriga a acreditar cegamente nelas e com o risco de errar antes do que esperar que nos sejam reveladas quando estivermos no outro mundo.

EPISTEMON — Quanto a mim, eu sou um pouco mais curioso, e gostaria, além disso, que me explicásseis algumas dificuldades particulares que tenho em cada ciência, e principalmente no tocante aos artifícios dos homens, espectros, ilusões, em suma, todos os efeitos maravilhosos que se atribuem à magia; pois estimo que seja útil os conhecer, não para deles me servir, mas para que nosso juízo não possa ser influenciado pela admiração de alguma coisa que ele ignora.

EUDOXO — Vou me esforçar para vos satisfazer a ambos; e a fim de estabelecer uma ordem que podemos manter até o fim, eu desejo em primeiro lugar, Poliandro, que nos entretenhamos, vós e eu, a respeito de todas as coisas que há no mundo, considerando-as nelas mesmas, sem que Epistemon nos interrompa, por mínimo que isso possa ser, visto que suas objeções nos constrangeriam a nos afastar

frequentemente de nosso assunto. Mais tarde, consideraremos, nós três, novamente todas as coisas, mas sob outro aspecto, a saber, na medida em que se reportem a nós e em que elas possam ser denominadas verdadeiras ou falsas e boas ou más; e é aqui que Epistemon terá a oportunidade para propor todas as dificuldades que lhe terão permanecido dos discursos precedentes.

POLIANDRO — Dizei-nos, portanto, também a ordem que seguireis para explicar cada matéria.

EUDOXO — É preciso começar pela alma racional, porque é nela que reside todo nosso conhecimento; e, tendo considerado sua natureza e seus efeitos, chegaremos ao seu autor; e depois de ter reconhecido quem ele é e como ele criou tudo o que há no mundo, observaremos o que há de mais certo no tocante às outras criaturas, e examinaremos de que forma nossos sentidos recebem os objetos e como nossos pensamentos se tornam verdadeiros ou falsos. Em seguida, exibirei aqui as obras dos homens no tocante às coisas corpóreas; e, tendo-vos feito admirar as máquinas mais potentes, os autômatos mais raros, as visões mais manifestas e os embustes mais sutis que o artífice possa inventar, eu vos revelarei os segredos que serão tão simples e tão inocentes que tereis motivo para não admirar nada mais das obras de nossas mãos. Eu me dirigirei àquelas da natureza, e tendo-vos feito ver a causa de todas as suas mudanças, a diversidade de suas qualidades e como a alma das plantas e dos animais difere da nossa, eu vos farei considerar toda a arquitetura das coisas sensíveis; e, tendo relatado o que se observa nos céus e o que neles podemos julgar como certo, eu chegarei até as mais sadias conjecturas no tocante àquilo que não pode ser determinado pelos homens, a fim de explicar a relação das coisas sensíveis com as intelectuais e de ambas com o Criador, a imortalidade das criaturas e qual será o estado de seu ser após a consumação dos séculos. Passaremos, na sequência, à segunda parte desta discussão, na qual trataremos de todas as ciências em particular, escolheremos o que há de mais sólido em cada uma e proporemos o método para as conduzir bem mais adiante do que elas foram, e encontrar por nós mesmos, com um espírito mediano, tudo o que os mais sutis podem inventar. Tendo, então, preparado nosso entendimento para julgar com perfeição a verdade, será preciso também que aprendamos a regrar nossas vontades, distinguindo as coisas boas das más e notando a verdadeira diferença que há entre as virtudes e vícios. Tendo feito isso, espero que a paixão pelo saber, que vós tendes, não seja mais tão violenta, e que tudo o que eu terei dito vos parecerá estar tão bem provado que julgareis que um bom espírito, por mais que tivesse sido nutrido em um deserto e jamais tivesse se servido de outra luz senão a da natureza, não poderia ter outros sentimentos distintos dos nossos, se ele tivesse bem sopesado todas as mesmas razões. Para dar início a este discurso, é preciso examinar qual é o primeiro conhecimento dos homens, em que parte da alma ele reside e por que ocorre que ele é de início tão imperfeito.

EPISTEMON — Parece-me que tudo isso se explica muito claramente, se compararmos a fantasia das crianças com um escudo sem insígnias no qual devem ser gravadas nossas ideias, as quais são como que retratos retirados de cada coisa em seu estado natural. Os sentidos, a inclinação, os preceptores e o entendimento são os diferentes pintores que podem trabalhar nesta obra, dentre os quais os que são menos capazes são os primeiros que aí se misturam, a saber, os sentidos imperfeitos, um instinto cego e as amas de leite impertinentes. O melhor vem por último, que é o entendimento; e ainda é preciso que ele se submeta a vários anos de aprendizagem e que siga por muito tempo o exemplo de seus mestres, antes que ouse empreender a corrigir quaisquer de suas falhas. Esta é, na minha opinião, uma das principais razões pelas quais temos tanta dificuldade para conhecer. Com efeito, nossos sentidos não veem nada além das coisas mais grosseiras e comuns, e nossa inclinação natural é toda corrompida; e, quanto aos preceptores, ainda que se possa encontrar sem dúvida alguns muito perfeitos, este seria o caso se eles não pudessem forçar nossa crença a aceitar suas razões até que nosso entendimento as tenha examinado, a quem sozinho pertence realizar essa obra. Mas ele é apenas um excelente pintor que teríamos encarregado de pincelar as últimas cores de um quadro ruim, esboçado por jovens aprendizes, e que, por mais que tivesse praticado todas as regras de sua arte para corrigir aos poucos tanto um traço quanto outro e acrescentar tudo o que falta, não teria conseguido, contudo, refazê-lo tão bem que nele não ficasse grandes defeitos, visto que o desenho fora mal concebido, as figuras mal planejadas e as proporções mal observadas desde o início.

187

EUDOXO — Vossa comparação revela muito bem o primeiro obstáculo que nos acomete; mas vós não acrescentais o meio de que é preciso se servir para se proteger dele. Quem é que, parece-me, poderia ainda melhor do que vosso pintor retomar inteiramente esse quadro, tendo utilizado primeiramente a esponja para apagar todos os traços que nele se encontram antes de perder tempo com corrigi-los: seria preciso, então, que cada homem, tão logo tivesse atingido uma determinada fase que se chama idade do conhecimento, resolvesse uma vez por todas apagar de sua fantasia todas as ideias imperfeitas que foram traçadas até então e que recomeçasse seriamente a formar novas, empregando tão bem toda a indústria de seu entendimento que, se ele não as levasse à perfeição, ao menos poderia rejeitar o erro sobre a fraqueza dos sentidos ou sobre os desregramentos na natureza.

EPISTEMON — Este remédio seria excelente, se fosse fácil pô-lo em prática; mas vós não ignoreis que as primeiras crenças que foram recebidas em nossa fantasia permanecem de tal modo nela impressas que só a nossa vontade não é suficiente para apagá-las, a menos que ela seja socorrida por algumas razões muito fortes.

EUDOXO — É por isso que eu quero tentar vos ensinar algumas; e, se desejardes tirar proveito desta conversação, é preciso, neste momento, que me emprestai vossa atenção e me deixai entreter-me um pouco com Poliandro, para que eu possa

primeiramente subverter todos os conhecimentos adquiridos até o presente. Pois, dado que eles não são suficientes para deixá-lo satisfeito, eles devem ser simplesmente ruins, e eu os tomo por uma casa mal construída, cujos fundamentos não são seguros. Não conheço melhor maneira de reparar isso do que lançá-los todos por terra e construir um novo; pois eu não quero ser destes pequenos artesãos que apenas se esforçam para restaurar as velhas obras, visto que se sentem incapazes de empreender novas. Mas, Poliandro, ao mesmo tempo em que trabalharmos nessa demolição, poderemos, pelos mesmos meios, escavar os fundamentos que devem servir ao nosso propósito e preparar as melhores e mais sólidas matérias que são necessários para preenchê-los; seria um favor considerardes comigo quais são, dentre todas as verdades que os homens possam saber, as mais certas e as mais fáceis de conhecer.

POLIANDRO — Há alguém que possa duvidar de que as coisas sensíveis, refiro-me àquelas que vemos e tocamos, não sejam muito mais certas do que todas as outras? Quanto a mim, eu ficaria muito surpreso se vós me conduzísseis a ver tão claramente algo a respeito do que se diz de Deus ou de nossa alma.

EUDOXO — É isso exatamente o que eu espero; e eu avalio como estranho que os homens sejam tão crédulos quanto a apoiar a sua ciência sobre a certeza dos sentidos, já que ninguém ignora que por vezes eles nos enganam, e que temos boas razões para sempre suspeitar daqueles que nos enganaram alguma vez.

POLIANDRO — Eu bem sei que os sentidos enganam por vezes, se estiverem mal dispostos, como quando todos os alimentos parecem amargos a um doente; ou, então, se muito afastados, como quando olhamos as estrelas, as quais nunca se mostram tão grandes quanto o são; ou, em geral, quando eles não agem livremente de acordo com a constituição de sua natureza. Mas todos os seus defeitos são muito fáceis de saber, e eles não impedem que eu esteja agora bem seguro de que eu vos vejo, de que estamos passeando neste jardim, de que o sol nos ilumina e, em suma, de que tudo o que comumente se apresenta aos meus sentidos seja verdadeiro.

EUDOXO — Uma vez que não é suficiente vos dizer que os sentidos nos enganam em certas ocasiões, das quais vos apercebeis, para vos fazer crer que eles o façam também em outras sem que possais reconhecê-lo, eu quero avançar um pouco mais para saber se alguma vez não haveis visto aqueles melancólicos que pensam serem cântaros ou então terem alguma parte do corpo de um tamanho enorme: eles jurariam que veem e tocam tal qual imaginam. É verdade que seria ofender um bom homem lhe dizer que ele não pode ter mais razão do que eles para assegurar a sua crença, já que ele se reporta, como eles, ao que os sentidos e sua imaginação lhe representam. Mas não podereis julgar uma maldade por eu vos perguntar se não estais sujeito a dormir, assim como todos os homens, e se não podeis, ao dormir, pensar que me vedes, que estais andando neste jardim, que o sol vos ilumina e, enfim, que todas as coisas nas quais acreditais agora sejam todas certas. Nunca

ouvistes estas palavras de espanto nas comédias: *será que estou acordado ou dormindo?* Como podeis estar certo de que vossa vida não seja um contínuo sonho, e que tudo o que pensais aprender por meio dos vossos sentidos não seja falso, tanto agora como quando dormis? Visto que aprendestes principalmente que fostes criado por um ser superior, o qual sendo todo-poderoso como é, não teria tido mais dificuldade de nos criar tal qual afirmo do que da forma como penseis que sois.

POLIANDRO — Eis aí, com certeza, razões que serão suficientes para pôr abaixo a doutrina inteira de Epistemon, caso ele for suficientemente contemplativo para nelas reter seu pensamento; mas, quanto a mim, recearei me tornar um pouco sonhador demais para um homem que não estudou e que, assim, não se acostumou a afastar seu espírito das coisas sensíveis, caso eu quisesse entrar em considerações um tanto demasiado elevadas.

EPISTEMON — Eu julgo, de minha parte, que é muito perigoso conduzir as coisas tão longe. Estas dúvidas tão gerais nos conduziriam diretamente à ignorância de Sócrates ou à incerteza dos pirrônicos; e são águas profundas onde não me parece que se possa encontrar o fundo.

EUDOXO — Admito que seria perigoso, para aqueles que não conhecem a travessia, se arriscar sem guia, e muitos assim se perderam; mas vós não deveis temer fazê-lo em minha companhia. Pois semelhante timidez impediu a maioria das pessoas letradas de adquirirem uma doutrina que fosse suficientemente sólida e segura para merecer o nome de ciência, quando, tendo imaginado que, para além das coisas sensíveis, não haveria nada de mais firme para apoiar sua convicção, construíram sobre a areia, em vez de cavar ainda mais, para encontrar a rocha ou a argila. Não é, portanto, aqui que devemos permanecer; e, também, quando não quiserdes mais considerar as razões que forneci, elas já terão cumprido, quanto ao seu efeito principal, o que eu desejei, desde que tiverem afetado suficientemente vossa imaginação para vos fazer temê-las. Pois é um sinal de que vossa ciência não é tão infalível o fato de receardes que elas possam arruinar os fundamentos, vos fazendo duvidar de tudo; e, conseqüentemente, que já estais a duvidar e que meu propósito foi realizado, que era derrubar a vossa doutrina inteira, fazendo-vos perceber que ela encontra-se mal assegurada. Mas, a fim de que não recuseis avançar com mais coragem, eu vos advirto de que essas dúvidas que, de início, vos causaram medo são como fantasmas e vãs imagens que aparecem à noite se aproveitando de uma luz fraca e incerta: se delas fugirdes, vosso temor vos seguirá; mas, caso vos aproximeis como que para tocá-las, ireis descobrir que nada são além de ar e de sombra, e estareis no futuro mais seguro em semelhante encontro.

POLIANDRO — Eu quero, então, diante de vossa persuasão, me representar tais dificuldades da forma mais forte que seja possível, e empregar minha atenção para duvidar de que talvez eu tenha sonhado toda a minha vida e de que todas as ideias em que pensei apenas poderem entrar em meu espírito pela porta dos sentidos

tenham se formado por si mesmas, tal como se formam outras tantas semelhantes toda vez que durmo e quando bem sei que meus olhos estão fechados, meus ouvidos desconectados e, então, sem que possam contribuir nenhum dos meus sentidos. E, portanto, eu estaria não apenas incerto de que vós existis neste mundo, de que há uma terra e de que há um sol, mas, além disso, de que tenho olhos, de que tenho ouvidos, um corpo e, mesmo, de que estou vos falando e vós comigo e, assim, com as demais coisas.

Referências

BORBA, Maira de Souza. *A Recherche de la Vérité de Descartes e as Objeções feitas às Meditações Metafísicas: para uma abordagem sistemática do problema da datação*. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DESCARTES, R. *Œuvres Choiesies de Descartes*. Paris, Garnier Frères, 1865. Disponível em: <<https://archive.org/details/oeuvreschoisiesdoodesc>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

_____. *Œuvres de Descartes*. Edição de Charles Adam e Paul Tannery (AT). Paris, Vrin, 1996. vol. X.

_____. *Œuvres Philosophiques de Descartes*. Edição de Ferdinand Alquié. Paris, Garnier, 1988-89. vol. II.